



«NO INÍCIO FOI ASSIM... S. TOMÉ E PRÍNCIPE»

“As Ilhas de S. Tomé e Príncipe, as ilhas maravilhosas do Atlântico, bem merecem que delas se faça a necessária propaganda”¹

O Grupo CGD, em março de 2004, com o apoio da Cooperação Portuguesa, através do IPAD, abria mais uma Mediateca, desta feita em S. Tomé e Príncipe, ali mesmo bem perto da linha do Equador.

As estatísticas relativas ao número de utilizadores reafirmam o sucesso das Mediatecas nos países lusófonos e justificam largamente a sua abertura pois representam um importante veículo de acesso à informação e ao conhecimento que, no caso de S. Tomé e Príncipe, acresce o facto de, nos seus 859 Km² (1001 Km² de área total), existirem 2 Institutos (ISP e IUCAI) bem como uma dependência de uma Universidade Privada de Portugal.

A Mediateca em S. Tomé, instalada no cinema Marcelo da Veiga, tem à disposição do público um espaço com 10 computadores para acesso à Internet (consulta e produção de própria de informação), 24 postos de leitura e promove igualmente, nas suas instalações, o lançamento de livros, contribuindo também para a abertura à sociedade civil daquele espaço.

“As pérolas do Atlantico, querem que se grite bem alto a sua principal riqueza, o cacau, principalmente, se fôque, se analise com paz de alma pelos muitos milhares que morreram na luta aberta, principalmente com o clima; é preciso que surja quem de vez em quando queira tratar do assunto com nobreza, com lealdade e com conhecimento de causa”.²

As “Ilhas do Cacau” foram descobertas em 1470 e permaneceram como colónia portuguesa durante 500 anos, até à sua independência, que se verificou em 12 de Julho de 1975, sendo atualmente uma República Democrática.

S. Tomé e Príncipe situa-se junto da linha do Equador e é composto por duas ilhas principais, a Ilha de S. Tomé e a do Príncipe, e por mais alguns Ilhéus (Rolas, Bom Bom, Cabras, etc.) também famosos pela sua natureza soberba e quase imaculada.

As Roças, hoje maioritariamente desativadas, cujas construções, agora abandonadas, edifícios onde outrora existiam um Hospital, uma Capela ou casas dos antigos colonos, e em cujos

¹ Rebelo, Pequeno. (1930). *As Ilhas do Cacau*.

² Idem



terrenos nascem desordenadamente o capim misturado com algumas escassas plantações de frutas tropicais, nem sempre foram assim mas também não retiram, por isso, todo a beleza e o encanto natural que as Ilhas emanam.

As suas principais riquezas foram, sem dúvida, a cana-de-açúcar, o café e o cacau, sendo este último trazido do Brasil e que começou por ser plantado no Príncipe como árvore de ornamento.

O declínio da cultura agrícola no Século XVI veio a converter as ilhas em entrepostos de escravos. Em 1540 o naufrágio de um navio carregado de escravos de Angola dotou a Ilha duma parte da sua população. Mas, durante séculos, só viam a ruína da terra. A agricultura só viria a ser estimulada a partir do séc. XIX.

Em 1868, o Banco Nacional Ultramarino instalava a primeira Agência em S. Tomé.

Com a abolição da mão-de-obra negra e escrava (1875), as terras e árvores de fruto eram abandonadas e não sendo possível salvar as colheitas daquele ano também no ano seguinte não se faria produção.

Decorria o ano de 1876 e, num periódico da altura, podia-se ler a notícia de que o Banco tinha como plano dotar S. Tomé e Príncipe de uma forte colonização branca para incremento da agricultura.

Cerca de 12 anos depois verificavam-se resultados muito animadores na cultura frutícola na principal ilha, nomeadamente após o Banco se tornar proprietário da fazenda de *Agua Izé*, que detinha a mais importante cultura cafeeira na altura. Cinco anos depois, o Banco transferiu a propriedade para a Companhia da Ilha do Príncipe.³

O cacau veio substituir o café e novas roças haviam aberto no sul da Ilha de S. Tomé, mas a prolongada baixa do preço do cacau e a carestia de mão-de-obra fizeram eclodir uma grave crise (a segunda) entre 1901 e 1905.

O Banco Nacional Ultramarino, mais uma vez, deitou mão à agricultura de S. Tomé, dotando as ilhas das ajudas necessárias ao progresso agrícola da província.

Em setembro de 1919 abria a segunda dependência do Banco na Ilha do Príncipe.

O Grupo Caixa Geral de Depósitos encontra-se presente em S. Tomé através do BISTP, Banco Internacional de S. Tomé e Príncipe, no qual detém uma participação de 27%, sendo os restantes acionistas o Estado Santomense, com 48% e o Banco Africano de Investimentos com 25%.

³ Paixão, Braga. (1969). *Cem Anos do Banco Nacional Ultramarino*



Filomena Rosa

Gabinete do Património Histórico da Caixa Geral de Depósitos

Abril de 2015



Galeria de imagens



Foto de S. Tomé